



FOLHETO INFORMATIVO: O ESTADO DA OBSTETRÍCIA NO MUNDO 2014

SOBRE O RELATÓRIO

O relatório “O Estado da Obstetrícia no Mundo 2014”, que analisa o panorama mundial da obstetrícia em 73 países de baixa e média renda, indica que investimentos imediatos na assistência obstétrica de alta qualidade podem prevenir aproximadamente dois terços das mortes maternas e neonatais – salvando milhões de vida ao ano.

Os 73 países da África, Ásia e América Latina que participaram do relatório (Brasil incluído) representam 96% das mortes maternas mundiais, 91% dos natimortos e 93% das mortes de recém-nascidos. No entanto, contam com apenas 42% dos médicos(as), parteiros(as) e enfermeiros(as) do mundo. O investimento em serviços de obstetrícia de qualidade poderia contribuir para preencher essa brecha.

PROGRESSO

Desde 1990, a mortalidade materna foi reduzida em quase 50% e a mortalidade infantil caiu 41%. Nos 73 países analisados pelo informe, a taxa de mortalidade materna diminuiu 3% ao ano em média e a taxa de mortalidade neonatal, 1,9% ao ano. Desde a primeira edição do relatório “O Estado da Obstetrícia no Mundo”, em 2011, os países, governos, entes reguladores, instituições de capacitação, associações profissionais e organizações não governamentais que apresentaram os dados têm tomado medidas enérgicas para fortalecer a obstetrícia:

- Quase a metade (45%) dos 73 países estão trabalhando para melhorar a permanência de profissionais de obstetrícia em regiões remotas;
- 28% dos países estão aumentando a contratação de parteiros e parteiras profissionais;
- 20% dos países contam com novos protocolos e/ou marcos normativos em saúde;
- 71% dos países estão melhorando a coleta de dados, informação e prestação de contas.

O DESAFIO

Ainda existe um déficit de parteiras e parteiros devidamente capacitados para prestar serviços de saúde para mulheres e crianças. Atualmente, somente 22% dos países contam com uma quantidade potencialmente suficiente de parteiras e parteiros devidamente capacitados para cumprir com as necessidades de mulheres e recém-nascidos, enquanto 78% dos países enfrentam déficits graves na obstetrícia, que resultarão em mortes desnecessárias de mulheres e recém-nascidos.

FATORES DE SUCESSO

A medida em que a população cresce, aumenta o déficit de recursos críticos, como profissionais e infraestrutura de saúde. O relatório analisa quatro fatores que devem ser contemplados para garantir que todas as mulheres tenham acesso aos serviços de saúde sexual, reprodutiva, materna e neonatal como um direito humano fundamental. O relatório coloca ênfase no progresso alcançado desde a sua primeira edição em 2011 e indica mudanças necessárias nas quatro áreas fundamentais: disponibilidade, acessibilidade, aceitabilidade e qualidade da obstetrícia.

Disponibilidade

- A comparação da quantidade de parteiras e parteiros profissionais com os resultados em saúde é insuficiente. Calculando o número de parteiras(os) disponíveis de acordo com o “equivalente em tempo integral”, os dados podem proporcionar um melhor panorama do acesso às parteiras e parteiros.

- Os salários das parteiras e parteiros profissionais estão entre os mais baixos nos países de baixa e média renda, apesar da grande importância desses profissionais. A remuneração pode contribuir para a atratividade da profissão.

Accesibilidade

- Para que todas as mulheres possam ter acesso às parteiras e aos parteiros, os países deveriam desenvolver um “conjunto de intervenções mínimas garantidas” que proporcione os serviços básicos de saúde reprodutiva, materna e neonatal e que seja prestada de forma gratuita nos pontos de acesso (rede de saúde).
- A coleta de dados melhorada através de sistemas de informação que medem o acesso das mulheres aos prestadores de cuidados em saúde permitirá obter novas visões sobre a disponibilidade dos serviços de obstetrícia.

Aceitabilidade

- Um fator importante para o aumento da aceitação dos serviços de saúde materna e neonatal é identificar se as mulheres acham que os cuidados que recebem são aceitáveis desde o ponto de vista moral e cultural e se sentem respeitadas pelos prestadores de serviços de saúde. O relatório apresenta sete percepções que fazem com que as mulheres optem por não buscar os serviços de um(a) parteiro(a), como a falta de conhecimento sobre a obstetrícia e sua importância durante a gravidez e o parto.
- Apenas 18 países que participaram da pesquisa tiveram conhecimento de estudos que documentam as atitudes públicas relacionadas às parteiras e parteiros. Uma pesquisa mais exaustiva é crucial para compreender plenamente as barreiras existentes e incentivar as mulheres a superar os obstáculos para o acesso aos serviços de saúde.

Qualidade

- Os déficits de infraestrutura e recursos são grandes desafios para os serviços de obstetrícia e, como resultado, impactam sobre a qualidade do atendimento. A falta de capacidade para educar as e os parteiros inclui a educação secundária ou superior inadequadas, a falta de espaço nas aulas e o déficit dos profissionais docentes, equipes de má qualidade e escassez de oportunidades de capacitação prática.
- O simples aumento da cobertura, sem levar em consideração a qualidade do atendimento, não é suficiente para reduzir a mortalidade ou doenças maternas e neonatais.

O CAMINHO ATÉ 2030

- A visão proposta pelo relatório é que todas as mulheres em idade reprodutiva, incluindo as adolescentes, tenham acesso universal aos serviços de obstetrícia até 2030. Estima-se que o número mundial de gravidezes por ano registrado atualmente, de 166 milhões, se manterá constante até 2030. Para compensar o déficit de parteiras e parteiros profissionais, os países precisam fortalecer suas políticas e planejamento para ampliar o acesso aos serviços de obstetrícia.



Crédito da foto: Abbie Travler Smith/Panos/H4+



- O documento *Obstetrícia 2030, Um caminho para a saúde*, aponta medidas políticas e de planejamento fundamentais, que aumentarão a sobrevivência materna e neonatal e a saúde da comunidade. As recomendações incluem:
 - Adiar o casamento;
 - Concluir a educação secundária;
 - Fornecer a educação sexual integral para meninos e meninas;
 - Utilizar métodos contraceptivos para se proteger do HIV;
 - Oferecer planejamento familiar mediante métodos contraceptivos modernos;
 - Cuidar da saúde da mulher durante a gravidez;
 - Receber ao menos quatro consultas de pré-natal – analisar a preparação para o parto e o planejamento de urgência;
 - Exigir e receber serviços de obstetrícia profissional preventiva e de apoio;
 - Fomentar a participação de mulheres nas decisões sobre a atenção que elas e seus bebês recebem;
 - Receber o apoio de uma equipe de obstetrícia colaborativa e eficiente quando são necessários serviços de urgência.

UM CHAMADO MUNDIAL PARA A AÇÃO

Para salvar as vidas de mais mulheres e recém-nascidos mediante a prestação de serviços de obstetrícia de qualidade, os países que participaram da pesquisa do relatório devem incluir os seguintes aspectos:

- Assegurar que os profissionais de obstetrícia estejam respaldados por educação de qualidade, regulamentação e gestão eficaz e recursos financeiros e humanos;
- Fomentar programas educativos de obstetrícia de qualidade;
- Garantir que seja dada prioridade à obstetrícia nos orçamentos nacionais de saúde e que todas as mulheres recebam proteção financeira universal;
- Fomentar a obstetrícia e assegurar que todas as mulheres tenham acesso a esses serviços;
- Prestar cuidados primários de obstetrícia para as mulheres e suas famílias, com seguimento sem interrupção à assistência no nível seguinte se for necessário;
- Ampliar a capacidade das intervenções que permitam salvar vidas por parteiras e parteiros profissionais nos estabelecimentos de saúde;
- Fortalecer e aumentar a quantidade de associações profissionais de obstetrícia;
- Recolher e divulgar dados precisos sobre os profissionais de obstetrícia.

A Estória de uma Parteira no País mais Jovem do Mundo

Jennifer Ikokole, 49, começou a trabalhar como parteira profissional há 24 anos em seu país, Uganda. Quando se uniu ao programa de obstetrícia do UNFPA no Sudão do Sul, há dois anos, ela sabia que era o trabalho certo para ela. O Sudão do Sul, país mais jovem do mundo, tem uma das taxas de mortalidade materna mais altas do mundo. Os estabelecimentos de saúde carecem de equipes e pessoal, fazendo com que o país esteja começando do zero sua batalha contra a mortalidade materna.

Ainda que Jennifer trabalhe em condições extremas, em meio a uma urgência humanitária que se apoderou do país, nada pode detê-la na luta para salvar as vidas de mulheres e crianças sob o seus cuidados. “Quando me disseram que fosse trabalhar num campo de refugiados, ninguém afirmou que seria fácil. As condições não são boas, mas ajudar as mulheres é um chamado que eu devo seguir e que me gratifica. É bom saber que estou salvando vidas ao ajudar mulheres a dar a luz de forma segura”, afirma.

As parteiras e os parteiros são o primeiro contato que muitas mulheres grávidas têm com profissionais de saúde, o que alimenta as esperanças das mulheres que não tem acesso à médicos ou clínicas – em especial, durante as atuais crises humanitárias. Quando acontecem complicações durante o parto, profissionais de saúde capacitados são cruciais para salvar as vidas das mulheres e dos recém-nascidos. Mas muitas mulheres no Sudão do Sul dão à luz em seus lares, frequentemente sem assistência de parteiras ou parteiros capacitados. Dentro das áreas de proteção, as e os parteiros do UNFPA confiam que as e os voluntários tradicionais que prestam assistência aos partos promovam a conscientização das mulheres sobre os serviços disponíveis.



Jennifer Ikokole cuida de uma gestante na tenda de maternidade do UNFPA. *Crédito da foto: NFPA/Kenneth Odiwuor*

COLABORADORES

O relatório *O Estado da Obstetrícia no Mundo 2014* é coordenado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) em nome do H4+ (UNAIDS, UNFPA, UNICEF, ONU Mulheres, OMS e Banco Mundial), juntamente com a Confederação Internacional de Parteiras (ICM) e apoia a campanha Toda Mulher, Toda Criança do Secretário-Geral da ONU. Parceiros apoiadores incluem: Australian Aid; Averting Maternal Death and Disability Programme (AMDD); Bill & Melinda Gates Foundation; Department for International Development (DFID, Reino Unido); Family Care International; Foreign Affairs, Trade and Development Canada; Girls' Globe; Instituto de Cooperación Social Integrare; Conselho Internacional de Enfermeiras (ICN); Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia (FIGO); Jhpiego, Johnson & Johnson; Mamaye! Evidence for Action; Ministério de Assuntos Estrangeiros e Desenvolvimento Internacional (França); Agência Norueguesa de Cooperação para o Desenvolvimento (Norad); Partnership for Maternal, Newborn & Child Health; Save the Children; Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento (Sida); Universidade de Southampton; Universidade de Tecnologia, Sydney; USAID's Maternal and Child Health Integrated Programme (MCHIP); e White Ribbon Alliance.